

DA TRILHA DA FAMÍLIA ÀS COLEÇÕES MIRINS: PRATELEIRAS E GEOGRAFIAS DAS INFÂNCIAS MUSEAIS

FROM THE FAMILY TRAIL TO CHILDREN'S COLLECTIONS: SHELVES AND GEOGRAPHIES OF MUSEUM CHILDHOODS

Jader Janer Moreira Lopes ¹

<https://orcid.org/0000-0003-3510-8647>

Maria Emília Tagliari Santos ²

<https://orcid.org/0000-0002-3903-2822>

Caroline Montezi de Castro Chamusca ³

<https://orcid.org/0000-0003-4200-482X>

Resumo:

O artigo aborda as conexões entre museus, infâncias e práticas pedagógicas, explorando como espaços museológicos podem ser ressignificados por crianças e educadores a partir de recursos e estratégias adequadas e que não subestimam o público infantil. A partir da Geografia da Infância e de conceitos como inventários afetivos, são apresentados os projetos “Coleções Mirins”, desenvolvido no Museu de Astronomia e Ciências afins, e “Trilha da Família”, do Instituto Moreira Salles do Rio de Janeiro. Ambas as propostas foram criadas com o intuito de envolver a participação ativa das crianças na reflexão e no diálogo com os acervos, mostrando ser possível romper com a ideia de que crianças pequenas não estão aptas a desfrutar e se relacionar com as instituições museais. O texto questiona paradigmas tradicionais dos museus, propondo ações que integram diversidade, inclusão e a potência criativa infantil. Assim, reafirma-se a possibilidade do museu como território vivo e democrático, capaz de dialogar com as complexidades da infância e da sociedade.

Palavras-chave: Infância. Museu. Coleções.

Abstract:

The article addresses the connections between museums, childhoods, and pedagogical practices, exploring how museum spaces can be reinterpreted by children and educators using appropriate resources and strategies that do not underestimate the child as an audience. The projects “Coleções Mirins” developed at the Museum of Astronomy and Related Sciences (MAST), and “Trilha da Família”, at the Instituto Moreira Salles in Rio de Janeiro (IMS Rio) builds on geographies of childhood and concepts such as affective inventories. Both projects were created with the aim of

¹ Professor na Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação e Universidade Federal de Juiz de Fora (Campus UFJF)

² Supervisora de Educação – Instituto Moreira Salles, IMS-Rio.

³ Doutoranda UFRJ.

encouraging the active participation of children in reflection and dialogue with the museum collections, demonstrating that it is possible to move away from the idea that young children are unable to enjoy and interact with museum institutions. The text questions traditional museum paradigms, proposing actions that integrate diversity, inclusion, and children's creative potential. Thus, reaffirming the possibility of museum as a living and democratic territory, capable of dialoguing with the complexities of childhood and society,

Keywords: Childhood. Museum. Collections.

PRATELEIRAS...

O que é o museu?

A pesquisa da natureza e da realidade em geral é feita através da atividade do *museu*.

Temos uma prateleira num canto da nossa sala onde tudo o que nos interessa: bichos, pedras, areia, plantas, ferramentas, parafusos, carros de brinquedo, madeiras, enfim, tudo aquilo que chama a atenção das crianças é guardado (documentado) em nosso museu. (Madalena Freire em "A paixão de conhecer o mundo", 2023, p. 40-41)

Há 40 anos, Madalena Freire, então professora da Educação Infantil, ofertava-nos, na forma de um documento escrito, seus registros ocorridos com as crianças entre os anos de 1978 e 1981, em instituições de crianças pequenas na região de São Paulo. Passados todos esses anos, ainda hoje, o Tubarão Anequim, um grande ser de doze metros de comprimento, ainda continua nadando entre nós, mostrando sua beleza em um oceano de vários tons de azul. Um tubarão que foi construído coletivamente a partir de mãos infantis, um desenho vivo daqueles que estavam, naquele momento, vivenciando a vida na vida, ladeada por suas muitas paisagens.

Vivenciar a vida na vida significa se envolver com tudo aquilo que a contorna e que nos mistura: todas as gentes, todas as plantas, todos os seres, todos os animais, os objetos, os muitos artefatos da cultura, da natureza, tudo aquilo que nesse planeta abriga a existência humana e, com ela e para além dela, todas as expressões de um mundo que não cabe nele. É ser linguageiro, fazer-se nas linguagens e ser entornador de linguagens.

E, nesse mundo que se esparrama, estão os registros, as memórias, as grafias, as trilhas, as coleções, os documentos, tantas coisas atadas física e simbolicamente que vão se espacializando nos territórios de ser e estar e trazem a importância de pensar o viver em formas de partilhas e coexistências. [Con]viver e [co]existir significa se colocar em diálogos, não no sentido clássico, marcado pela ilusão ou, como bem expressou Bakhtin (2003), na mera ficção que muitos acreditaram (e ainda acreditam) que se reduzia o enunciado, pautado em um emissor e receptor, na díade do que fala e escuta, mas na condição das muitas vozes que, enunciando-se e anunciando nas cadeias discursivas, colocam em dialogismo o passado, a presentificação e o porvir, os muitos

territórios, espaços, paisagens, escalas, lugares e locais. Sobre cada palavra, gesto, sobre cada linguagem, há muitas vozes que se amalgamam, lembrando-nos sempre de que qualquer dito é sempre a entrada em um fluxo de espaços e tempos que já estão em curso. A condição inaugural da vida é o ato da ressurreição (Bakhtin, 2003) que ocorre nas fronteiras em que somos formados e forjados. Gentes em gotejos. E, nesse movimento de ajuntar o vivido na vivência (aqui o jogo de palavras é proposital), essa espécie que somos e, claro, muitas outras, gestam seus documentos, traçam seus passos, criam suas marcas, cicatrizes em si e no mundo, gestam-se como seres museais. Seres gotejados e que gotejam.

Por isso, escolhemos a epígrafe de Madalena Freire (obra citada) para abrir este texto. Nesse clássico livro, ela, em suas rotinas, aponta-nos a presença de um canto, entre tantos outros de seu espaço com as crianças, um canto em forma de prateleira, prateleira de uma da sua sala de atividades, destinada para, com as crianças, guardar tudo que “nos interessa”.

E não é à toa que tem o nome de museu a prateleira, essa forma que, em nosso imaginário, deve estar encostada em uma das paredes ou até mesmo afixada por pregos ou parafusos, para abrigar os gostos, os desejos que se fazem como declaração do viver daquele grupo que ali habita e que partilha com os que chegam as aspirações daquilo que não deve ser esquecido. O museu-prateleira não só partilha a vida, mas é também sua gênese.

A Prateleira é um Museu. Ambos são construções históricas e geográficas criadas ao longo da filogênese humana, arqueologias que, ao serem trazidas para a contemporaneidade, carregam com elas muitas linguagens. É um objeto delator, proseador, pois não deixa esconder essa condição de guardar e colecionar o que faz parte dos manifestos humanos e não humanos. Inventador.

E, como nos diz Madalena Freire, ali estão “bichos, pedras, areia, plantas, ferramentas, parafusos, carros de brinquedo, madeiras, enfim[...]” (ibidem)...tudo em forma de escolhas que contêm esse tudo! São as crianças que trazem, nos recortes, o inteiro do mundo para se tornar inteiro no salvo.

E é sobre isso este texto. Nosso artigo se encontra nesses liames de Prateleiras que são Museus ou sobre Museus que deveriam ser Prateleiras, é sobre esses cantos que guardam, que confessam, fabulam e são gestações. É um texto sobre coleções que se fazem em trilhas e sobre trilhas que se fazem em coleções, tudo atravessado e composto pelas geografias do existir e do viver em sua condição museal. Ser andante, ser guardador e ser criador, eis as temáticas sobre as quais tecemos o nosso próprio ser museu em ajuntados.

AINDA SOBRE PRATELEIRAS E MUSEUS

O Museu é o Mundo (Hélio Oiticica, 2012, p. 90)

Uma prateleira pode ser um museu? Começemos invocando essa questão. Hélio Oiticica, na epígrafe que abre este segmento do nosso texto, já nos dá indícios de possíveis respostas: o

museu é o mundo! A ideia de museu é impregnada pelo próprio histórico dessas instituições enquanto grandes templos modernos que salvaguardam as violências coloniais como peças expositivas a serem contempladas e preservadas em elementos memoriais e sociais.

Como formas erguidas nas paisagens ao longo dos últimos séculos, evocam uma condição axiológica que gesta desejos, seduções e impedimentos. As paisagens, como expressões do espaço geográfico, não são neutras, não são estruturalmente meramente físicas e assépticas de ideologias, mas forjas sociais que denotam as linhas e as redes históricas que, ao se entrelaçarem, permitem compreender as tensões políticas, econômicas e demais forças que se confrontam e definem o que vive e o que morre nas geografias que se presentificam no planeta.

Como uma estrutura semiótica, todo fragmento de paisagem, e os museus não estão fora dessa condição, envolve os seres humanos em suas condições emotivo-volitivo-cognitivas, gestando unidades e totalidades nas corporeidades que incitam a semântica de ser e estar nesses locais, possíveis movimentos, acolhimentos e impedimentos. As fronteiras do externo e interno museais se misturam com as fronteiras e os recortes epidérmicos de cada pessoa, conjurando e lembrando as muitas intersecções que nos constituem. Como os corpos não estão desgarrados dos espaços, como as fronteiras não se limitam a elas, mas se difundem para muito além, toda marca na paisagem é também linguagem. Assim, elas não apenas afiguram as realidades, mas criam as realidades, estabelecendo, com isso, narrativas entre elas e os povos, as pessoas que as povoam ou não. Quem habita os museus? Quem não habita os museus? O que é exposto e o que é vedado a ser exposto? Quais conversas há entre o museu, como ordenação institucional na ordenação do território a que se finca, e as relações geopolíticas que gestam e gestaram sua existência? Poderíamos ficar com muitas inquietações, mas busquemos andanças nas errâncias.

Uma memória infantil pode nos ajudar a compor nossas reflexões e andanças, afinal, as crianças são exímias em mostrar aquilo que os adultos não veem. Então, vejamos:

[...] E era assim mesmo que dizíamos: “Você jura por sua mãe não estar morta sequinha atrás da porta?”. Eu que gostava de ver e ouvir coisas sobre o Egito Antigo [...] essa frase me colocava a conversar com as múmias daquele local, só mais tarde fui saber que havia múmias muito mais perto de mim, espalhadas aqui na América Latina. Mas por ali, só sabia desses corpos ressecados que vazavam o tempo e me encontravam séculos depois. Um dos meus sonhos era um dia conhecer uma delas “de perto” em um dos grandes museus que as guardavam, algo impossibilitado por ser alguém que vinha das classes populares e que vivia na expressão geográfica “interior”, os museus estavam longes, eram formas nas paisagens dos “centros”, essa relação de interior e centro, era vivida por mim pela distância da impossibilidade de ligar duas localidades no espaço e em desejos rompidos por escalas. Desigualdades que emergem nos espaços e nos desejos. [Lopes, 2024, p.16]

E o autor continua:

[...] Essas diferenças me exigiam o esforço de entender os lugares inacessíveis/ Para crianças como eu o interior era longe/Para quem tinha de dividir o mesmo sapato e roupas com os irmãos/Os pés no chão enlameavam as escalas

riscadas/Em calçados e vestes partilhas/Esquecem-se de muitas geografias.
(Lopes, 2024, p. 23)

Em décadas recentes, iniciou-se o movimento de escapar do reducionismo do museu enquanto o lugar que reúne inventários como algo a ser explicado e representado como elementos materiais e fragmentos de uma dita realidade. Alguns debates, propostas e mobilizações contemporâneas acerca de acervos sequestrados, de enunciados que operam em uma ótica colonial, da imponência e arrogância de um espaço que não dialoga com o território e é inacessível para maior parte da população vêm desmontando a concepção moderna de museu.

Podemos destacar alguns acontecimentos recentes que ressaltam esse movimento, como, por exemplo, a exposição “Brasil decolonial: outras histórias”, promovida pelo Museu Histórico Nacional, localizado no Rio de Janeiro, em 2021. A exposição propôs rasuras e adendos (não necessariamente literais) em determinadas obras quanto às questões relativas à diáspora africana. Foram 17 intervenções artísticas no circuito expositivo que destacaram fatos ocultados pela história oficial. Outra mobilização interessante foi a campanha, liderada por Mãe Meninazinha de Oxum, nomeada como “Liberte o Nosso Sagrado”, que reivindicou o resgate de 519 objetos sagrados das religiões afro-brasileiras, candomblé e umbanda, apreendidos em diversos terreiros cariocas, entre 1889 e 1946, pela Polícia Civil do Rio de Janeiro.

De acordo com Aquino (2016), amparado em Foucault (2010, 2014), inventariar é um gesto arquivístico. Um arquivo não está dado. Arquivar é operação, é montar, desmontar, é narrar sobre si mesmo, sobre o outro. Pensando com Foucault (2010, 2014) no arquivo enquanto uma coleção de enunciados, é interessante observar como os acervos dos exemplos citados acima, como tantos outros, foram deslocados de seus territórios em um gesto arquivístico que apaga a multiplicidade de um coletivo que é então maquiada por uma história triunfal de um regime que deprecia ou se apropria desses acervos de modo caricato.

Nesse sentido, quando Mbembe (2002, p. 19) afirma que “o arquivo não tem nem status nem poder sem uma dimensão arquitetural”, ele nos convoca a pensar nos enunciados, nas dimensões éticas, políticas e estéticas dos acervos e arquivos institucionais, mas também destaca o aspecto material, de salvaguarda, que implica desde o modo como são organizados, física ou digitalmente, vez que essa arquitetura não é apenas uma dimensão técnica, da estrutura física, mas também conceitual. Esses exemplos citados acima, além de evidenciarem as tensões cada vez mais intensas nos modos de operar das instituições museais, provocam também deslocamentos, fissuras, para que outras narrativas, deixadas de fora, essas que foram forjadas, depreciadas, deturpadas de modo caricato, possam ocupar esse espaço.

Então, podemos pensar com Madalena Freire, Hélio Oiticica. Foucault e Mbembe que os inventários são inventados. Portanto, fabricar outras memórias, ampliar a ideia de museu e as possibilidades de ocupar esses espaços institucionais é um modo de tensionar esse ranço colonial que assombra os museus e os aparelhos culturais e, ao mesmo tempo, ampliar modos de narrar o

mundo, de contar outras histórias, cultivar coleções de memórias afetivas e inventar inventários. Imaginar no presente outros passados e futuros possíveis é um modo de mobilizar outros mundos?

Como seres linguageiros, misturamos em muitas linguagens e assim compreendemos “[...] a linguagem como ato fundador da humanidade histórica, em sua coetanidade geográfica e como tesouro acessível a todos os seres humanos enunciadorees na cultura” (Lopes; Mello, 2017, p. 02). Usamos a expressão tesouro, ressignificada semanticamente de sua lógica colonial, em encontro com aquela expressa por Bakhtin ao criar o termo “tesouro da língua”. Recorremos, novamente, a Lopes e Mello (idem) para explicitar essa condição:

A expressão “tesouro da língua” aparece em Bakhtin quando de sua discussão sobre o discurso no romance. Especificamente na discussão da relação entre discurso na poesia e discurso no romance e na discussão sobre os fundamentos folclóricos da obra de Rabelais (Bakhtin, 2002, p.87 e p.326), trata-se de um termo tomado de Saussure a respeito da fala (Curso de Linguística Geral). Para Bakhtin, esse tesouro não se trata de um acervo ou de algum repertório, mas da abertura à cultura, pela via do diálogo interno que a linguagem faz acessar no encontro dialógico entre dois enunciadorees, tal como em Para uma filosofia do ato responsável (Lopes; Mello, 2017, p.106).

Portanto, para nós, o inventário não tem a condição de acúmulo, da perspectiva bancária que Freire (2005) denunciou, mas de abertura, desencaixotamento, desembulho. Trata-se de aberturas que acolhem todas as vidas, inclusive as infantis, colocando-as em enunciações com os outros, com o mundo em sua totalidade de existências e, claro, consigo mesmo. Contemos, então, com **Coleções** e **Trilhas** como frestas possíveis para o ato e a atitude inaugural.

COLEÇÕES

A proposta “Coleções Mirins”, mobilizada pelo Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), convocou crianças para apresentarem as suas coleções domésticas. Em busca de tornar o museu mais acessível para crianças de até 6 anos, a Coordenação de Educação e Popularização da Ciência (COEDU) do MAST no Rio de Janeiro, Brasil, após avaliações e estudos institucionais constatarem que o público infantil, especialmente aquele que abarca a primeira infância, era pouco contemplado nas propostas educativas do museu, criou, então, o Projeto Público Infantil em Museus de Ciência com objetivo de elaborar ações e pesquisas para e com o público da primeira infância.

Coleções Mirins é uma proposta que foi realizada no âmbito desse projeto e surgiu durante a pandemia de covid-19⁴, enquanto as atividades presenciais em diversos espaços da sociedade estavam interrompidas e os museus foram desafiados a alterar abruptamente a sua forma de interagir com os diversos públicos. No caso do MAST, a tentativa de criar propostas para crianças

⁴ A pandemia de COVID-19, declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020, teve um impacto profundo no Brasil, tornando o país um dos epicentros globais da doença. A crise sanitária implicou medidas de isolamento social que ressaltaram as questões das desigualdades sociais no Brasil.

de até 6 anos foi realizada por meio de iniciativas em formatos virtuais. No entanto, se a promoção de ações educativas com esse público em museus já era um desafio, as atividades em formato digital revelaram-se ainda maiores, dadas as especificidades que a primeira infância impõe.

O encontro virtual Coleções Mirins foi uma dessas propostas, um espaço aberto para as crianças apresentarem as suas coleções domésticas por meio das plataformas digitais *Google Meet* e *Zoom*. No formato digital, ocorreram quatro encontros das Coleções Mirins integrando eventos museais e de divulgação científica no ano de 2021. A avaliação das propostas foi muito positiva, enquanto um espaço de encontro com as crianças, que, embora tenha ocorrido por meio digital, com suas limitações, também proporcionou possibilidades interessantes: a presença de crianças que nunca visitaram museus, de algumas que moram em outras cidades, além da oportunidade de atuarem na curadoria, exposição e apresentação de suas coleções. Porém, a realização das propostas por meio das plataformas digitais já delimita um recorte social que possui acesso à internet e recursos para utilizar as ferramentas necessárias.

Com o retorno gradativo das ações presenciais no MAST, a proposta “Coleções Mirins” foi realizada duas vezes no espaço físico do museu e também uma vez em uma escola pública municipal, localizada em uma comunidade de um bairro vizinho, na qual algumas ações já vinham sendo realizadas. A dinâmica dos encontros “Coleções Mirins” propõe que as crianças participantes apresentem suas coleções domésticas em diálogo com provocações das pesquisadoras do museu implicadas no projeto, como, por exemplo, perguntas sobre a peça que iniciou a coleção ou a mais querida do acervo, além da interação com as outras crianças que também trouxeram perguntas e comentários. Nesse processo, além de crianças da primeira infância atuarem como protagonistas quanto à curadoria do acervo presente no encontro e condução dessa ação educativa, o fato de reunir coleções e conversar sobre elas é também um dispositivo para investigar e criar modos de significação do que pode ser um museu para as crianças envolvidas na proposta.

Mobilizar as crianças a apresentar suas coleções e falar sobre elas é uma proposição muito fértil a ser discutida à luz da museologia social: “o que dá sentido à museologia social não é o fato dela existir em sociedade, mas sim os compromissos sociais que assume e com os quais se vincula” (Chagas, 2020, p. 140). Para começar, a iniciativa é um espaço aberto no museu onde é possível reunir um inventário de coisas de interesse infantil que não necessariamente se classificam como artefatos produzidos para ou produzidos por crianças, mas, sobretudo, objetos que estão ao alcance delas e que têm despertado algum desejo em coletá-los, armazená-los e colecioná-los. Desse modo, crianças ocupando os museus com as suas coleções, atuando na curadoria, na mediação é também deslocar o lugar desse público tão negligenciado pelos museus.

Há muitos aspectos que esses encontros nos convocam a pensar. Neste texto interessa ressaltar a presença de acervos infantis e domésticos no museu, de itens colecionados por crianças nas prateleiras de suas casas, de coisas de interesse infantil; bonecos, livros, conchas, tampinhas e dinossauros ocupando o museu, objetos que, em sua maioria, escapam do que essas instituições consideram como potenciais peças expositivas.

A presença das crianças com os seus acervos nos museus já convoca o movimento de arejar o lugar museu em sua amplitude simbólica com outros enunciados, outros corpos, outras autorias e outros gestos arquivísticos. Quando um dinossauro de plástico, barato e ordinário é a peça preferida da coleção de uma criança porque foi o primeiro item a ser colecionado, dotado então de uma valoração meramente pessoal, em uma dimensão afetiva de uma relíquia inventada, desvinculada de especulações lucrativas, há um gesto que tensiona o caráter vertical, patriarcal, moderno e neoliberal de determinar o que é um objeto de valor ou mesmo as memórias que devemos cultivar. Quando crianças realizam a curadoria e também apresentam os seus acervos para outras crianças dentro do museu, isso também é um modo de desmontar todo o processo de idealização, curadoria, contexto e endereçamento que envolve a elaboração de um inventário.

Em um dos encontros da proposta Coleções Mirins, uma menina de 6 anos afirmou que já havia visitado um museu, mas não lembrava (fora em um encontro virtual durante a pandemia). Em seguida, uma das pesquisadoras perguntou o que as crianças que não haviam visitado museus (algumas afirmaram nunca terem ido) ou não lembravam como eram, imaginavam que encontrariam nesse espaço e houve o seguinte diálogo:

Menino H (7 anos): eu acho que o museu tem relógios gigantes. Eu sei que igreja coleciona livros, né? Igrejas colecionam livros, né? Tem umas igrejas que colecionam livros. Mas tem uma igreja que tem relógio gigante. Eu nem sei onde fica.

Menina J (6 anos): eu acho que tem muita estante.

Nesse trecho da conversa é relevante observar os espaços que são atrelados à ideia de museu: igreja e biblioteca, dois lugares que exigem silêncio e que em sua maioria têm certa imponência em sua arquitetura, assim como os museus tradicionais. Esse imaginário ressalta o que Mbembe (2002) coloca sobre o status do arquivo diante da sua dimensão arquitetônica. Portanto, chamar atenção para as estantes do mundo, em todas as suas dimensões e possibilidades de acervo, sejam materiais ou imateriais, é muito importante.

Nesse sentido, o convite de ocupar o museu com crianças e as suas coleções domésticas, suas prateleiras que reúnem imaginários e inventários que podem ser tocados, é também um gesto pedagógico de pensar o museu como um espaço vivo, em movimento. Uma paisagem a ser percorrida, ocupada. Um lugar onde se caminha por trilhas que expõem relíquias inventadas.

TRILHAS

Em 2019, a equipe de educação do Instituto Moreira Salles (IMS)⁵, do Rio de Janeiro, disponibilizou ao público o material de mediação Trilha da Família. Em formato de *folder*

⁵ O Instituto Moreira Salles é uma instituição museológica que promove a formação de acervos e o desenvolvimento de programas culturais nas áreas de fotografia, literatura, iconografia, artes plásticas, música e cinema. O IMS tem sedes em Poços de Caldas (MG), Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP).

(panfleto com várias dobras), o Trilha tinha como objetivo proporcionar às famílias uma visita instigante e lúdica. As propostas apresentadas no folheto foram elaboradas para serem realizadas em grupo, convidando a família a descobrir e a inventar junto, e também individualmente, pelas crianças mais velhas.

Figuras 1 e 2 O Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro.



Fonte: Robert Polidori (Acervo IMS)

Como o IMS não possui uma exposição permanente, este foi outro fator decisivo para que arquitetura e jardins fossem o foco da Trilha da Família. A arquitetura e os jardins são considerados acervos pela equipe de Educação, sendo representativos dos aspectos fundamentais do pensamento moderno brasileiro. Para nós, a paisagem é uma grande força enunciativa e acolhe em amorosidade espacial os que ali chegam e jornadaem. Ao mesmo tempo, a arquitetura e o paisagismo podem também provocar uma sensação de estranhamento e não pertencimento em alguns grupos que entram no espaço do IMS Rio. Nesse sentido, desejou-se que o *folder*, entre outras iniciativas, contribuísse para que as famílias se sentissem bem-vindas ao espaço do museu e pudessem expressar-se de forma autoral naquela paisagem incrustada na vida urbana da cidade do Rio de Janeiro, Brasil.

Quando a estética do material foi pensada, decidiu-se por uma ilustração que trouxesse alegria, irreverência e também fosse esteticamente interessante, por acreditarmos que conteúdos voltados para o público infantil não devem ser simplórios ou estereotipados. Com esse objetivo, foi escolhido o trabalho da ilustradora Catarina Bessell que utilizou fotografias e desenhos para criar as ilustrações que foram desenvolvidas em um diálogo próximo, a partir de fotografias e relatos da equipe. As personagens que aparecem nos desenhos são diversas, uma vez que houve, ainda, a intenção de abordar um conceito de família que fosse amplo e apontasse para a diversidade e as diferenças.

Figura 3 – Capa do Trilha da Família.

Fonte: Reprodução. Trilha da Família, Instituto Moreira Salles.

O material poder ser usado com autonomia pelo público era uma característica importante, visto que, no momento, a equipe era bastante pequena e nem sempre podia estar disponível nos momentos de grande fluxo. O Trilha foi pensado de modo a oferecer tanto informações e curiosidades sobre a casa e os jardins, como também instigações facilmente compreendidas e realizadas pelas crianças, encostando-as em todos os elementos que ali existem: formas, cheiros, aromas, cores, vidas muitas, texturas diversas, além de outras propostas mais complexas que demandam mais tempo e disposição do grupo. Com essa estratégia, imaginávamos que teríamos um material suficientemente instigante e intuitivo para ser apropriado pelo público e também interessante para ser usado nas práticas de mediação da equipe. Um documento para flanejar encontros.

O Trilha da Família é composto por propostas adaptadas do repertório dos educadores e educadoras do IMS, de atividades desenvolvidas especificamente para o material e também por uma seleção de informações sobre a história da casa e seu conjunto paisagístico e arquitetônico. Sua concepção foi pensada para, além de incentivar a visita de famílias ao IMS e as relações intergeracionais, instigar a observação de aspectos do paisagismo e das espécies; promover uma aproximação curiosa e interessada dos elementos da arquitetura e suas intimidades com os elementos da natureza; despertar a imaginação e uma aproximação criativa da realidade. Assim, sentidos e imaginação são convocados para uma exploração que mobiliza corpos e mentes na descoberta, ofertando o existido para ser reelaborado e criado, acotovelando-se no passado, no presente e futuro, sem as separações cirurgicamente no tempo, mas para fazer do espaço e do instante um evento de viver. Viver em indenidade. Assim como as crianças e Madalena Freire fizeram a prenhez do museu prateleira, nós, ali, naquelas vias e entrevistas, gestávamos o nosso museu em trilhas. Um museu passeante, mas não passante.

Na primeira parte do material, revelada quando a família desfaz a primeira dobra do folheto, encontra-se um texto de boas-vindas que contextualiza a proposta e indica que o grupo pode solicitar materiais, como folhas e giz de cera, na recepção, para colocar em prática as atividades propostas. Em seguida, a segunda dobra conta brevemente a história da casa, mencionando o arquiteto Olavo Redig de Campos e apresentando o paisagista Roberto Burle Marx. Aqui já temos as primeiras provocações para os visitantes remetendo ao sentido de casa/ jardim/ museus, ao sugerir a busca por moradas de animais, dos acervos etc., e, ainda, a proposta de entender o paisagismo como uma composição plástica viva.

Figura 4 - Boas-vindas, primeira seção ao abrir o material.



Fonte: Reprodução. Trilha da Família, Instituto Moreira Salles.

Após apresentar Roberto Burle Marx, a seção sugere alguns exercícios de olhar com o intuito de fazer saltar aos olhos as possibilidades estéticas do trabalho de paisagismo. Pensando o jardim como uma pintura viva, expressão estética, convidamos os visitantes a perceberem texturas, formas, volumes, desenhos e diferentes cores em suas variedades de tons formando uma paleta de cores *da* paisagem e *na* paisagem. De maneira divertida, trabalhamos a atenção aos pequenos detalhes, instigando a elaboração criativa de novos desenhos a partir de elementos tomados do espaço, para criar realidades, materialidades e polissemias. O material possui um “bolso” onde pequenas coletas, tesouros selecionados e descobertos pelo caminho podem ser guardados. Além disso, em um momento seguinte, convocamos as crianças a perceberem os sons e a traçarem uma paisagem sonora do museu.

Na parte central do material (após sua abertura por completo), um mapa foi criado tendo como base o desenho de vista aérea feito por Burle Marx para servir de projeto dos jardins da casa da família Moreira Salles, hoje sede do IMS no Rio de Janeiro. Assim, as crianças e suas famílias se deparam com uma espécie de linguagem cartográfica adaptada que lhes permite ter uma visão

ampla do espaço onde estão. Com o mapa em mãos, os visitantes são convidados a observar e a conhecer diversos detalhes do Instituto, desde elementos da flora e fauna, até aspectos da arquitetura identificados num percurso com 12 itens. Cada item sinalizado é apresentado por uma legenda que, além de informar, pode sugerir aproximações (como deitar-se para olhar algo de um diferente, provocar uma brincadeira, por exemplo) ou contar curiosidades.

Figura 5 – Recorte do material mostrando duas propostas de aproximação com o paisagismo.



Fonte: Reprodução. Trilha da Família, Instituto Moreira Salles.

No item dois do mapa, os trilheiros são apresentados ao trabalho do escultor modernista Amilcar de Castro a partir de uma escultura que ocupa lugar de destaque no jardim da frente da casa. Observar a obra nos ajuda a perceber detalhes da casa projetada por Olavo Redig de Campos: olhar suas linhas retas, planos inclinados, curvas e espaços através dos quais se pode ver a casa, revelando fragmentos da paisagem (remetendo aos cobogós⁶ da casa). A atividade revela um pouco do processo criativo do artista e sugere que o grupo experimente os cortes e as dobras que transformam uma folha em um objeto tridimensional.

⁶Cobogó é um elemento arquitetônico vazado, normalmente feito de barro ou cimento, que completa paredes e muros para possibilitar maior ventilação e luminosidade no interior de um imóvel. O nome tem origem nas iniciais dos sobrenomes de três engenheiros que, no Recife, no início do século XX conjuntamente o idealizaram: Amadeu Oliveira Coimbra, Ernest August Boeckmann e Antônio de Góis (COBOGÓ, 2024).

Figura 7 – Proposta do item 2 do Mapa. Aproximação com a obra de Amilcar de Castro relacionando com a arquitetura da casa



Fonte: Reprodução. Trilha da Família, Instituto Moreira Salles.

Para finalizar esse passeio pelo material educativo, destacamos os itens 11 e 12 dedicados a aspectos relevantes do jardim interno da casa em relação com a paisagem do entorno e também com o tempo passado. No item 11, fica a provocação para o grupo olhar as formas da arquitetura, como as curvas da piscina e os declives da arquitetura e buscar as possíveis inspirações na natureza, como o morro Dois Irmãos (que pode ser avistado exatamente deste ponto), ou as folhagens e as espécies da Floresta da Tijuca. O painel de Burle Marx, localizado próximo ao lago, remete às antigas lavadeiras e pescadores do Rio Rainha, que passa ao fundo do terreno. Olhar as figuras do mosaico, a estranheza de suas formas, pensar em um passado não tão distante em que máquinas de lavar não existiam, em que o rio era limpo e usado para lavar roupas e pescar, sugere, ainda, pensar sobre dinâmicas e contradições sociais (como o racismo e a desigualdade social) que envolvem tarefas e coisas tão cotidianas - como cuidar de um jardim e lavar roupas; como as moradias e suas características revelam complexidades sociais - são possíveis conversas que acontecem, de fato, quando mediadas pela equipe de educação, mas que também podem acontecer entre as famílias. Nessa mesma página, uma imagem do tempo em que ali ainda era a casa da família Moreira Salles revela um outro tempo do mesmo lugar: o que mudou? O que permaneceu?

As crianças se tornam arqueólogas da paisagem, fatiam as camadas do tempo, a partir do mosaico paisagístico.

Figura 8 – Recorte mostrando os itens 11 e 12 do material



Fonte: Reprodução. Trilha da Família, Instituto Moreira Salles.

O Trilha da Família é um material criado a partir de um desejo de acolher crianças e suas famílias em um espaço museal que muitas vezes é tido como não adequado ao modo de estar das crianças. O museu seria demasiado sofisticado para ser apreciado pelas mentes infantis, frágil para ser confrontado com seus gestos, vozes e sua vivacidade transgressora. A trilha é um convite e uma provocação. As crianças sabem como ninguém explorar os jardins e a arquitetura e descobrem e nos ensinam muito sobre eles, têm sensibilidade estética e provocam concepções adultocêntricas com suas questões e modos de interagir, aprender e dividir descobertas e conhecimentos. Com esse material, compartilhamos experiências e algumas informações, estratégias e ideias de brincar; caminhos abertos com o auxílio valioso da sapiência de todas as crianças que já estiveram conosco explorando instituições culturais e ensinando-nos, constantemente, nas andanças e nas pausas, unidas em eternidades, a como reinventar o existir.

CURADORIAS E PRATELEIRAS...

Começamos nossa escritura com Prateleiras que eram Museu, um lugar onde as crianças com que Madalena Freire vivenciava as rotinas cotidianas na Educação Infantil poderiam colocar seus desejos. Um parafuso, uma pedra, um artefato de plástico... acolhimentos, aquele era um canto

que anunciava a vida daquele grupo e como os movimentos que naquele espaço ocorriam iam se montando. Era um museu das infâncias e de infâncias, contempladas por elas, mas também pelos adultos, por todos que ali passavam. O que impulsionava a curadoria era o desejo infantil da escolha em partilha. Junto a essas prateleiras, trouxemos outras, Coleções e Trilhas, para evidenciar perspectivas outras de se forjarem os territórios museais como territórios de infâncias, de bebês e crianças.

Embora haja um movimento democrático e decolonial da instituição museu cada vez mais presente em debates, produções acadêmicas, propostas de ações museais e também na criação e estruturação desses espaços, há muito trabalho a ser feito nesse sentido. Para além do discurso e conscientização dos sujeitos que atuam nesses espaços, é necessário que se promovam ações efetivas e políticas afirmativas que aproximem as práticas dos discursos em prol de uma “nova museologia”, uma “museologia crítica social” e quaisquer outras vertentes que, embora tenham as suas especificidades, afinam-se na busca de tornar o museu um espaço mais acessível a diversos públicos.

Nossa tentação é um museu como o das infâncias, onde fronteiras, gentes, bichos, plantas, coisas se misturem, para que, nesse amalgamar, possamos gotejar nossas existências em prateleiras museais que sejam contadoras e fiadoras de vidas muitas. Eis a grande força do viver humano e do batismo que é princípio. Prelúdios constantes de nós mesmos!

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa. Não mais, mas ainda: experiência, arquivo. Infância. **Childhood & Philosophy**, Rio de Janeiro, v.12, n.23, jan-abr/2016, p. 179-2000

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 512p.

CHAGAS, Mario. Imaginação Museal e Museologia Social: fragmentos. **Lugar Comum**. Rio de Janeiro, n.56, p.133-150, 2019. <https://revistas.ufrj.br/index.php/lc/article/view/41602>. Data de acesso: 25 out. 2024.

COBOGÓ. **WIKIPÉDIA**: a enciclopédia livre. 2024 Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cobog%C3%B3>. Data de acesso: 25 out. 2024.

FOUCAULT, Michel. Conversa com Michel Foucault. In: FOUCAULT, Michel. **Repensar a política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 289-347. (Ditos e Escritos VI).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 213p.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023. 272p.

LOPES, Jader. Janer. Moreira. **Atrás da porta**: vivências espaciais esquecidas pelas geografias dos adultos para [con]viver e [co]existir com as geografias das infâncias de bebês e crianças. Pedro e João Editores: São Carlos, 2024. 111p.

LOPES, Jader. Janer. Moreira.; MELLO, Marisol. Barenco. de. Quando perdemos a confiança na linguagem? **Revista Brasileira de Alfabetização**, v.1, n. 5, p. 15-30, 2017.
<https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/190/143>. Data de acesso: 25 out. 2024.

MÃE MENINAZINHA DE OXUM, MÃE NICE DE IANSÃ. VERSIANI, M.; CHAGAS, Mário. A chegada do nosso sagrado no Museu da República: “a fé não costuma faia”. In PRIMO, Judite.; MOUTINHO, Mário (Eds.). **Socio museologia**: para uma leitura crítica do Mundo. Edições Universitárias Lusófonas, 2021. p.73-102.
https://doi.org/10.36572/csm.2021.book_5.

MBEMBE, Achille. O Poder do Arquivo e seus limites. Publicado originalmente em inglês como “The Power of the archive and its limits”. In: HAMILTON, Caroline.; HARRIS, Verne.; TAYLOR, Jane. *et al.* (org.). **Refiguring the archive**. 1. ed. Kluwer Academic Publishers, 2002. p. 32-36. (<https://link.springer.com/book/10.1007/978-94-010-0570-8>).

OITICICA, Hélio; FILHO, César Oiticica (Org.). **Museu é o Mundo**. Portugal: Azougue, 2012. 352 p.

Recebido em: 158 de fevereiro de 2025

Aprovado em: 10 de abril de 2025